

O trauma das linhas interbancárias

por Alan Friedman
do Financial Times

Nunca mais um banqueiro internacional poderá levantar-se e dizer que "os países não entram em falência". A experiência dos anos de 1981 e 1982, em que uma combinação de recessão mundial, altas taxas de juros e impossíveis encargos da dívida forçaram crises de liquidez soberanas sem paralelo desde 1930.

Os casos do México, do Brasil, da Argentina, da Venezuela, do Chile e de outros importantes tomadores de empréstimo soberanos proporcionaram ao sistema bancário global um choque que transcendeu à crise bancária secundária do Reino Unido de uma década atrás, ou o colapso do Herstatt Bank, na Alemanha Ocidental, na mesma época.

O abalo maior não foi necessariamente a incapacidade desses países de pagarem sua dívida, mas os problemas relacionados do sistema interbancário — o mercado de depósito de banco a banco de US\$ 1 trilhão que mantém o negócio bancário funcionando.

Apenas poucas semanas depois que o México arranjou a primeira moratória para os pagamentos do principal e só poucos dias após o país nacionalizar seus bancos, o espectro de uma importante ruptura do mercado interbancário

cresceu enormemente para os bancos comerciais e centrais.

Quando o Fundo Monetário Internacional (FMI) se reuniu em Toronto, em setembro de 1982, uma série de confusas declarações das autoridades do governo mexicano sugeriu que o país estava pronto para negociar US\$ 6 bilhões a US\$ 7 bilhões de depósitos interbancários (empréstimos através da fronteira de bancos estrangeiros aos mexicanos) junto com sua dívida dos setores público e privado de US\$ 80 bilhões.

AMEAÇA

Não foi o tamanho absoluto dessas linhas interbancárias que causou as conversas telefônicas transatlânticas e transpaciais no meio da noite desses banqueiros. A ameaça foi para a condução suave do próprio sistema bancário. As linhas interbancárias são a forma como os bancos cuidam da liquidez superavitária, colocando depósitos em outros bancos. Uma quebra ou abuso do sistema poderia produzir uma crise de liquidez com efeito de dominó, enquanto os bancos correm para retirar seu dinheiro de outros bancos.

Este é um pesadelo central dos banqueiros e explica por que duras palavras foram trocadas em conversas privadas entre os banqueiros centrais da Organização para Cooperação

Econômica e Desenvolvimento (OCDE) e as autoridades do governo mexicano, durante a fatídica semana de setembro, quando o México brincava de gato e rato com seus depósitos interbancários.

No final, a confusão foi esclarecida, e o México suspendeu toda conversa de congelar as linhas interbancárias. Mas o choque psicológico fez suas vítimas.

Segundo dados do Banco de Compensações Internacionais (BIS), o negócio interbancário no quarto trimestre de 1982 aumentou US\$ 20 bilhões, com baixa, em relação aos US\$ 40 bilhões do terceiro trimestre e menos de um terço de sua taxa de crescimento comparativa de US\$ 63,5 bilhões durante o último trimestre de 1981.

Há mais estatísticas que poderiam ser apresentadas para demonstrar a taxa de crescimento menor do mercado de empréstimos sindicalizados internacionais do euromercado, mas o ponto essencial é que muitos bancos, particularmente os pequenos bancos norte-americanos, regionais e continentais, correram em busca de cobertura em meses recentes.

Essa corrida significa retirar depósitos interbancários dos bancos de nações devedoras com problemas e substituir o entusiasmo de empréstimos da década

de 70 por pronunciado ar de cautela.

Essa contratação nos empréstimos pode ser a mais perigosa ao sistema bancário. Essa é a razão pela qual diretores do Bank of England e de outros bancos exortaram os bancos a não cortarem as linhas interbancárias em massa.

SOCORRO

E esta é a razão pela qual os mesmos banqueiros centrais produziram "pacotes" de salvamento de emergência que incluíram assistência do Fundo Monetário Internacional (FMI), empréstimo-ponte do BIS, pacote de reescalonamento e de novos empréstimos dos bancos comerciais.

Inquestionavelmente, a crise da dívida mundial foi colocada sob controle e a situação estabilizou-se. Mas a maior parte dos "pacotes" de salvamento do País foi apenas parcial, o que significa que poderia ser preciso mais trabalho.

Os países devedores produtores de petróleo, como México, Venezuela e Nigéria em particular, poderiam requerer vários bilhões de dólares de suporte adicional, se é que servirão mesmo seus pagamentos de juros através de 1983/84.

Há sinais encorajadores para os países devedores, no entanto. A recuperação econômica global, liderada pelos Estados Unidos, se se provar tão generalizada e continuada como alguns economistas predizem, deve incrementar o comércio transfronteiras, vital, para as nações devedoras obterem divisas com as quais pagarão o serviço de sua dívida.

As taxas de juros em baixa nos EUA e em outros países deve aliviar muito os devedores. Estima-se, por exemplo, que, em cada 1% de baixa nas taxas de juros em dólar, o Brasil economiza US\$ 500 milhões nos pagamentos de juros.

Mas as taxas de juros permanecem, de longe, altas demais em termos reais e podem também ser sujeitas à manipulação de governos, particularmente quando esses governos passam por eleições gerais e desejam assegurar uma explosão econômica gradativa.

EUA

Enquanto Paul Volcker, "chairman" do banco central dos EUA — o Federal Reserve Board (Fed) —, conta com numerosos fãs na comunidade financeira, ainda há alguns banqueiros que criticam a relutância do Fed em suavizar ainda mais suas políticas e permitir uma baixa mais rápida das taxas de juros neste ano. O argumento tradicional do Fed é que taxas de juros em baixa rápida demais podem produzir surtos perigosos da recorrente inflação.

No entanto, alguns banqueiros sublinham que esse

argumento ignora a realidade dos que o percebem como o fim de um ciclo deflacionário nos Estados industrializados ocidentais.

Esses banqueiros argumentam que o êxito de muitos governos na redução da inflação tem menos a ver com a política fiscal e monetária e muito mais a ver com a recessão mundial, da qual estamos emergindo agora.

A maioria dos economistas dos bancos principais, no entanto, diz que as taxas de juros norte-americanas estarão apenas em torno de 1% mais baixas do que seus níveis atuais até o final do ano.

Outro problema para o mundo bancário é que o risco soberano não é a única grande dor de cabeça. O ano passado foi, também, o ano em que grandes entidades corporativas, como a International Harvester, a Dome Petroleum, a AEG e o Grupo Alfa, tiveram de reestruturar sua dívida. As falências corporativas atingiram proporções surpreendentes e alguns banqueiros dizem que estarão ainda mais dentro da tubulação à medida que o mundo se recupera da recessão.

Tudo isso suscita a desagradável questão de quem deve ser culpado pela má administração da dívida de países, pelo abuso do mercado interbancário e pelo enorme volume de empréstimos a países que alimentaram a crise da dívida.

Pareceria que há culpa suficiente para todos. As autoridades de bancos centrais são culpadas por alguns banqueiros, por permitirem que centenas de bilhões de dólares em empréstimos à América Latina se acumulem, sem expressar preocupação aos bancos comerciais emprestadores.

Isso suscita a questão, no entanto, sobre se o FMI, com sua singular capacidade de ver a posição financeira de países devedores, não foi desleixado em deixar de indicar aos bancos centrais os sinais de perigo que deveriam ter verificado.

Os banqueiros, políticos e autoridades de ministérios da Fazenda em todo o mundo podem culpar os governos tomadores de empréstimos, como o governo do presidente Lopez Portillo, do México, que de 1976 a 1982 permitiu alegremente sua dívida do setor público subir de pouco mais de US\$ 10 bilhões a mais de US\$ 60 bilhões.

Toda a comunidade bancária parece concordar que países como o Brasil e o México abusaram do sistema interbancário, ao permitir que as filiais estrangeiras de seus bancos tomassem empréstimos a curto prazo para o que era, essencialmente, financiamento da balança de pagamentos.

Mas são os próprios ban-

cos que escaparam a muita culpa na Europa e estão, só agora, sob fogo no Congresso dos EUA. As autoridades do setor de risco de países, de bancos importantes, como o Bank of America, Chase Manhattan, Citicorp e outros, aprovaram bilhões de dólares em empréstimos a nações latino-americanas durante o final da década de 70 e início da de 80.

PETROLEO

Esse foi um período em que os fundos da OPEP, ao mesmo tempo que declinavam, ainda estavam fluindo para o euromercado e, dessa forma, ajudavam a alimentar o processo de reciclagem. Os representantes de vários bancos norte-americanos na Cidade do México, por exemplo, precisavam ter tido fé suficiente no país para aprovarem empréstimos que totalizassem bilhões de dólares — e os empréstimos continuaram até julho de 1982.

Agora que a casa de baralho ruuiu, a questão de provisões de dívida ruim provou ser delicada. Tome-se, por exemplo, o caso do Bank of America: com exposição de empréstimo revelada de US\$ 2,5 bilhões ao México, US\$ 2,3 bilhões ao Brasil e US\$ 2 bilhões à Venezuela, o Bank of America atingiu exposição em apenas três países, que representam 148% de seu capital acionário de US\$ 4,57 bilhões. E a proporção da exposição problemática do Bank of America à base de capital não é, de forma alguma, a coisa mais preocupante dos principais bancos norte-americanos.

A reserva de provisão de dívidas ruins do Bank of America permaneceu em US\$ 670 milhões no final de 1982. Em linha com outros importantes bancos norte-americanos e britânicos, ele aumentou significativamente suas provisões de dívidas ruins de 1982. Mas os bancos foram longe o suficiente?

PREOCUPAÇÃO

Pergunte a qualquer executivo bancário se suas provisões são adequadas e ele invariavelmente dirá que são. Ele pode acrescentar, contudo, com um olhar de preocupação e sarcasmo: "Mas não estou tão certo se meus amigos no banco proporcionaram bastante. Porque não perguntar a eles?"

Essa atitude de "eu não" de muitos bancos precisa pelo menos provocar dúvidas. Enquanto se pode argumentar que os problemas de dívida não são tão ruins como parecem e o dinheiro eventualmente será retirado, isso de alguma forma foge ao problema. Porque a realidade da situação é que numerosos bancos enfrentam o principal que emprestaram, empacado muitos anos à frente; isto limita a flexibilidade de empréstimos e distorce o papel dos bancos na economia.